

o

Domingo tórrido na marina de Oeiras, contando os dias que faltam para entrar na beleza pura da Biblioteca do Real Gabinete Português do Rio de Janeiro. Levarei pela mão “A Mulher que Venceu Don Juan”, que se sentirá bem nesta casa da Gilda Santos, a anfitriã por excelência.

Na primeira vez que lá entrei, já lá vão a correr 14 anos, levei comigo o Miguéis, o Sena e o David a quem obriguei a fazer as pazes depois de uma querela antiga por causa da “Isolda” que foi à cena no Teatro Estúdio do Salitre, em 1948, e que o Sena desancou, na época, deixando o jovem David muito contristado.

Em 2008 levei uma mulher impossível que não era tão má como a pintam. Dona Carlota Joaquina, essa mesma sem tirar nem pôr. O príncipe Dom João, seu consorte (com azar, dirão outros) também levou para contar a propósito de uma encrenca em que se meteu e de que resultou uma bastarda sobre quem a Cristina Norton escreveu um romance.

Nesta próxima viagem, o Álvaro Simões Júnior será o cúmplice em Assis, na UNESP, onde intimará “A Mulher que...” a participar numa mesa redonda com as colegas da Goiânia e de Belém do Pará, de cuja Academia de Letras fizeram sócia a autora, sabe-se lá porquê!

Mas onde “A Mulher que...” vai realmente tirar a limpo a coragem é nas Faculdades Integradas Rio Branco, em São Paulo, perante um público completamente desconhecido de estudantes de Direito. Demorando-se apenas 24 horas em Sampa, apanhada pelo Humberto de Aragão no aeroporto de Congonhas, como uma meliante, logo à chegada de Londrina, a autora arrisca-se a chegar à bout de souffle. Se tal acontecer, será o Humberto a pagar as favas em Novembro em Paris, no próximo Congresso, num bistrot au bord de la Seine. Miguéis oblige. Ai oblige, oblige! Espero que o Humberto leve consigo Vilma, para interceder por ele e mais facilmente se fazer perdoar. Caso contrário, terá de saber de cor todas as datas que o Ernesto se propõe citar na conferência inaugural do Congresso em Assis. Sim, sim, porque com o Ernesto a memória são favas contadas...